

TRILHAS ECOLÓGICAS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE URUARÁ, PARÁ.

Reinaldo Lucas Cajaiba (*), Wully Barreto da Silva.

* Laboratório de Ecologia Aplicada, Utad/ Portugal; Secretaria Municipal de Meio Ambiente, SEMMA-PA, Uruará, Pará.

RESUMO

Objetivou-se com o presente trabalho avaliar as preferências paisagísticas dos praticantes de ecoturismo através de trilhas ecológicas no município de Uruará-PA, além de verificar a importância do desenvolvimento de Educação Ambiental utilizando tais atividades. Como resultado, verificou-se que a maioria dos entrevistados estavam praticando trilhas ecológicas pela primeira vez e que os motivos que os levam a praticar é a busca por Saúde corporal/ queima de calorias/ bem-estar corporal (45%) e o contato com a natureza (26%). Todos os participantes entrevistados afirmaram que consideram a preservação da natureza uma questão de fundamental importância, mostrando que o desenvolvimento de programas de educação ambiental através de trilhas ecológicas torna-se uma ferramenta importante na sensibilização da população em relação ao meio ambiente, proporcionando experiências que condicionam um melhor conhecimento da realidade e na formação de uma visão crítica acerca da preservação ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Trilhas interpretativas, Educação ambiental, Ecoturismo.

INTRODUÇÃO

Ultimamente, vêm se intensificando a preocupação referente às questões ambientais, e simultaneamente, as iniciativas dos variados setores da sociedade para o desenvolvimento de atividades, projetos e congêneres no intuito de educar as comunidades, procurando sensibilizá-las para as questões ambientais, e mobilizá-las para a modificação de atitudes nocivas e a apropriação de posturas benéficas ao equilíbrio ambiental (SANTOS et al., 2011).

A educação é primordial para o desenvolvimento sustentável da sociedade. Aliada a necessidade da detenção do conhecimento, insere-se o comportamento antrópico, pois, mediante essa relação, mudanças podem ser realizadas a partir do saber adquirido. Assim, a Educação Ambiental (EA), como uma dimensão fundamental da educação global (SAUVÈ & ORELLANA, 2001), adquire, diante desse quadro, uma relevância indiscutível e um papel fundamental na construção de sociedades sustentáveis.

De acordo com Dias (1994) a educação ambiental caracteriza-se por incorporar as dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, ecológicas e éticas, o que significa que ao discutir qualquer problema ambiental, envolvem-se todas as esferas de conhecimento. Nesse sentido, Gould (2004) relata que a educação ambiental que incorpora a perspectiva dos sujeitos sociais permite estabelecer uma prática pedagógica contextualizada e crítica, que explicita os problemas estruturais de nossa sociedade (AIOLFI, et al., 2011).

Por sua natureza integradora, abrangendo inúmeras áreas, a educação ambiental pode ser trabalhada nos mais variados contextos. Dentre eles, destacam-se as atividades realizadas em áreas que permitem um contato direto com a natureza, como o estudo do meio, trilhas interpretativas e o ecoturismo (TOLEDO & PELICIONI, 2006), despertando valores e atitudes que permitem uma participação responsável na busca de soluções para reverter ou prevenir os problemas socioambientais, bem como, atuar na melhoria e proteção do meio ambiente (MENGHINI & GUERRA, 2008).

Em termos práticos, trilhas interpretativas têm o propósito de estimular os grupos de atores a um novo campo de percepções, com o objetivo de levá-los a observar, questionar, experimentar, sentir e descobrir os vários sentidos e significados relacionados aos temas selecionados (VASCONCELLOS & OTA, 2000).

A utilização de trilhas ecológicas tem como finalidade aproveitar os momentos de lazer do visitante para a transmissão de conhecimentos, pois a compreensão dos processos e acontecimentos ali presentes se torna mais fácil através do contato com a paisagem, tanto do ponto de vista recreativo quanto educativo (COSTA et al., 2012). Além de propiciar o contato com a natureza, o descanso, a fruição são também meios eficazes na interação homem/natureza e podem contribuir na formação da consciência ambiental (SIQUEIRA, 2004).

Assim, o presente estudo teve por objetivo: caracterizar o perfil dos visitantes e avaliar a aquisição de conhecimentos através de visitação em trilhas; conhecer as preferências paisagísticas e a satisfação dos praticantes de trilhas ecológicas no município de Uruará-PA.

METODOLOGIA

Os dados foram coletados através de entrevistas junto aos visitantes de trilhas ecológicas localizadas em três locais distintos no município de Uruará-PA. i) uma trilha de aproximadamente quatro quilômetros que dá acesso a uma caverna; ii) uma trilha que dá acesso a uma cachoeira; iii) uma trilha localizada em um fragmento florestal ao entorno da zona urbana do município.

Em cada uma dessas localidades fizemos duas visitas, sempre aos finais de semana. Os questionários aplicados junto aos entrevistados serão apresentados durante os resultados e discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 76 pessoas com idade variando entre 15 e 65 anos. Quanto ao gênero, 35% eram masculino e 65% feminino. Em relação à escolaridade dos entrevistados a maioria (36%) tinha o ensino médio completo, sendo os analfabetos e ensino fundamental incompleto os menos representativos (4%) (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil dos entrevistados.

Variáveis	Participantes	%
Masculino	26	35
Feminino	50	65
Faixa etária		
15 a 20 anos	6	8
21 a 30 anos	54	71
31 a 40 anos	12	16
41 a 50 anos	2	3
51 a 60 anos	1	1
61 a 65 anos	1	1
Escolaridade		
Analfabeto	3	4
Ensino Fundamental Incompleto	3	4
Ensino Fundamental Completo	10	13
Ensino Médio Incompleto	11	14
Ensino Médio Completo	27	36
Ensino Superior Incompleto	10	13
Ensino Superior Completo	12	16

Quando questionados qual a frequência em que praticava caminhadas em trilhas ecológicas, 30% dos entrevistados estavam praticando pela primeira vez. O mesmo percentual das respostas foi para os que praticam trilhas pelo menos uma vez ao ano, seguido por uma vez ao mês e quatro vezes ao ano (25% e 15%, respectivamente) (Figura 1).

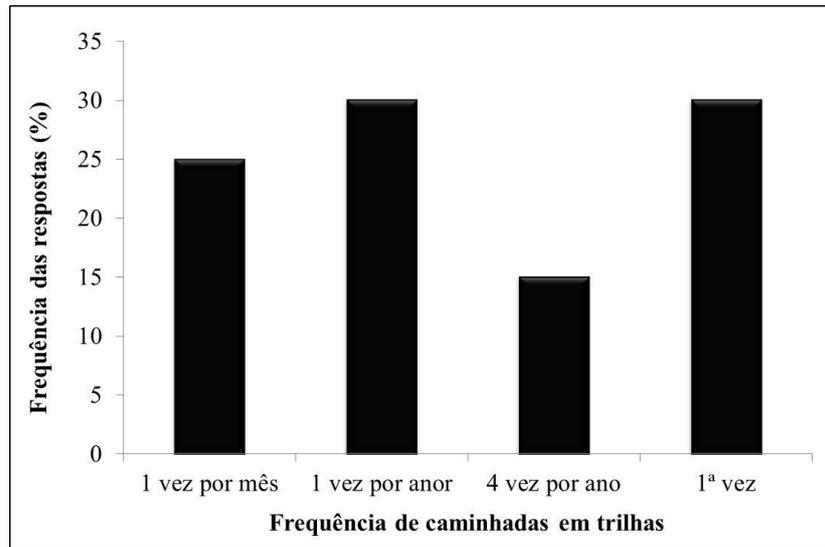


Figura 1. Frequência de caminhadas em trilhas dos visitantes entrevistados.

Quando questionados qual o motivo que levou a praticar tal atividade, 45% responderam que busca saúde corporal/ queima de calorias/ bem-estar corporal; 26% buscam ter um contato direto com a natureza; 13% afirmaram que querem adrenalina/ emoção/ risco/ aventura; 7% tentam encontrar paz de espírito/ renovação/ sossego/ tranquilidade/ harmonia através do contato com a natureza; 6% querem contato com o novo/ desconhecido e 3% buscam sociabilidade (Tabela 2).

Tabela 2. Motivos dos visitantes para praticar trilhas ecológicas.

Motivos para praticar trilhas ecológicas	%
Saúde corporal/ queima de calorias/ bem-estar corporal	45
Contato direto com a natureza	26
Adrenalina/ emoção/ risco/ aventura	13
Paz de espírito/ renovação/ sossego/ tranquilidade/ harmonia	7
Contato com o novo/ desconhecido	6
Sociabilidade	3

Em termos práticos, trilhas interpretativas têm o propósito de estimular os grupos de atores a um novo campo de percepções, com o objetivo de levá-los a observar, questionar, experimentar, sentir e descobrir os vários sentidos e significados relacionados aos temas selecionados (VASCONCELLOS & OTA, 2000). Nossos resultados corroboram com o que diz Cajaiba et al. (2012) que as atividades de ecoturismo propiciam de alguma forma um bem-estar corporal e, portanto, uma melhor qualidade de vida aos praticantes.

Para Schwartz (2002), a busca pelo prazer, pela emoção e pela aventura pode promover alterações de atitudes e valores capazes de interferir na perspectiva de mudanças de estilos almejada no mundo contemporâneo, pois oferece a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer e ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida.

Os entrevistados foram questionados se pretendem continuar a praticar trilhas ecológicas, 86% afirmaram categoricamente que sim (Figura 2). Questionamos o porquê de não continuar praticando tal atividade, a maioria responderam que por problemas de saúde e uma pequena parte afirmou que por falta de tempo.

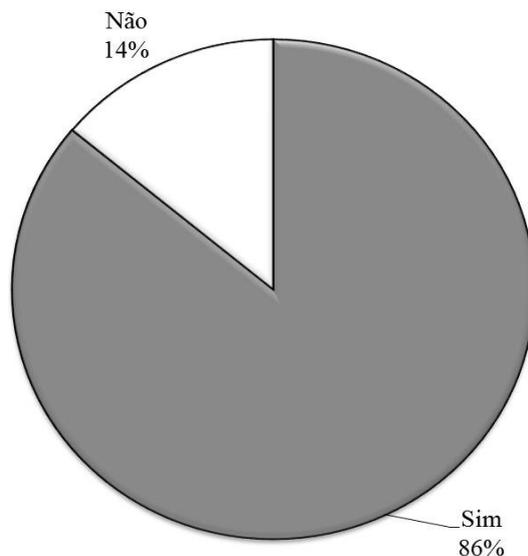


Figura 2. Percentual dos visitantes que pretendem continuar praticando trilhas ecológicas.

Perguntamos aos participantes o que mais lhes chamou atenção nas trilhas. Dos entrevistados, 52% afirmaram que as belezas naturais (fauna, flora, rios e cachoeiras). As trilhas interpretativas são um dos recursos que podem ser utilizados em práticas de Educação Ambiental de caráter não formal. As trilhas são consideradas interpretativas quando seus recursos são traduzidos para os visitantes, relacionando recursos, como as paisagens, a flora ou a fauna com os seres humanos (MENGHINI & GUERRA, 2008). Assim, as atividades de educação e lazer em ambientes com relevante potencial paisagístico e grande biodiversidade, podem se tornar importantes ferramentas para conservação e preservação desses espaços (JESUS & RIBEIRO, 2006).

Questionamos se os participantes consideram a Preservação da Natureza uma questão importante, independentemente da sua relação com a questão ambiental. Todos afirmaram que sim, e citaram a importância da preservação dos ambientes naturais. Segundo Magro (1999) a utilização de trilhas ecológicas tem como finalidade aproveitar os momentos de lazer do visitante para a transmissão de conhecimentos, pois a compreensão dos processos e acontecimentos ali presentes se torna mais fácil através do contato com a paisagem, tanto do ponto de vista recreativo quanto educativo. Além disso, as trilhas podem representar uma ferramenta útil para o manejo de áreas protegidas, evitando assim que setores sensíveis ecologicamente importantes sejam afetados pelo pisoteio ou pela presença humana (MAGRO, 1999).

Para Carvalho, 2004, a utilização das trilhas interpretativas é uma técnica que consiste em informar e problematizar temas ambientais a partir do contato direto com o meio ambiente, sendo que o educador opera transmitindo informações relativas ao espaço natural.

Dessa forma, ao ser considerado como parte integrante do ambiente natural, o indivíduo pode, com maior facilidade, refletir sobre suas responsabilidades no quesito preservação, e então buscar mudanças de atitudes em seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidencia que o desenvolvimento de programas de educação ambiental através de trilhas ecológicas torna-se uma ferramenta importante na sensibilização da população em relação ao meio ambiente, proporcionando experiências que condicionam um melhor conhecimento da realidade e na formação de uma visão crítica acerca da preservação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Aiolfi, R.B.; Hasse, B.; Bernadon, A. & Godoy, W.I. Trilha ecológica como um recurso pedagógico à educação ambiental. *Synergismus scyentifica*, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2011.

2. Cajaiba, R.L.; Chaves, F.O.; Maia, F.S. Ecotourism as a contribution to physical well-being. In: International Seminar of Physical Activity and Related Injuries, 2012, Vila Real/ Portugal. Acta Médica Portuguesa, v. 25. p. 1-1, 2012.
3. Costa, M.M.S.; Silva, E.B. & Meneses, L.F. Proposta de trilha ecológica como atrativo ecoturístico na área de proteção ambiental da barra do rio amanguape – PB. Turismo: Estudos e Práticas, v. 1, n. 2, p. 104-117, 2012.
4. Dias, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. São Paulo, Global, 1994.
5. Gould, K. A. Classe social, justiça ambiental e conflito político. In: ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. (Org.). Justiça ambiental e cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
6. Menghini, F.B. & Guerra, A.F.S. Trilhas interpretativas: caminhos para a educação ambiental. In: AnpedSul, 2008, Univali, p. 1-15, 2008.
7. Santos, M.C.; Flores, M.D. & Zanin, E.M. Trilhas interpretativas como instrumento de interpretação, sensibilização e educação ambiental na Apae de Erechim/Rs. Vivências, v. 7, n.13, p.189-197, 2011.
8. Sauv e, L.; Orellana, I. A forma o Continuada de professores em Educa o Ambiental: a Proposta do EDAMAZ. In: Santos, J.E.; Sato, M. A contribui o da Educa o Ambiental   esperan a de Pandora. S o Carlos: Rima, p. 273-287, 2001.
9. Siqueira, L.F. Trilhas interpretativas: Uma vertente respons vel do (eco) turismo. Caderno Virtual de turismo, v. 4, n. 4, p. 79-87, 2004.
10. Toledo, R.F. & Pelicioni, M.C.F. A educa o ambiental nos parques estaduais paulistas. Revista Brasileira de Ci ncias Ambientais, v. 3, 27-31, 2006.
11. Vasconcellos, J.M.O. & Ota, S. Atividades ecol gicas e planejamento de trilhas interpretativas. Maring : Departamento de Agronomia, UEM, 2000 (mimeo).